

Guerra Colonial: Luís Cília, um dos primeiros músicos a denunciar o conflito

Número de Documento: 12103142

Lisboa, Portugal 04/02/2011 09:46 (LUSA)

Temas: Artes, Cultura e Entretenimento, Música, História

Lisboa, 03 fev (Lusa) - Luís Cília tinha 18 anos quando começou a guerra colonial, a 04 de fevereiro de 1961. Cantava rock, era estudante em Lisboa e não sabia ainda que se tornaria num dos primeiros músicos a denunciar o conflito.

O músico português, hoje com 67 anos, recordou à agência Lusa que há 50 anos, quando começou a guerra, "não estava ainda muito politizado".

"Cantava rock e estudava Economia, mas as aulas não me interessavam muito, queria era jogar futebol e basquetebol. Comecei a frequentar a Casa dos Estudantes do Império, ali ao pé do Arco do Cego [em Lisboa] e só aí é que tomei uma consciência mais profunda da política", referiu.

Foi só em 1963 que decidiu abandonar o país, porque "a consciência não me deixava", sublinhou.

E é um ano depois em Paris, num ambiente marcante ao lado de músicos, políticos e poetas, que Luís Cília grava numa tarde, à guitarra, o disco "Portugal-Angola: Chants de Lutte", no qual denuncia sem censuras a guerra colonial.

Outros músicos, como Adriano Correia de Oliveira e José Afonso, tinham já cantado contra a ditadura, o regime de Salazar, as perseguições e a censura, mas foi Luís Cília um dos primeiros a criticar abertamente o envio de tropas para África.

No LP, Luís Cília canta poemas de Daniel Filipe, nome crucial para o seu caminho na música, Manuel Alegre, José Gomes Ferreira ou António Borges Coelho, mas é a sua autoria a letra de "Canto do desertor", na qual canta: "Diz, oh mar, à minha mãe/que matar não me apraz/no fundo quem vai à guerra/é aquele que a não faz".

"Tenho um certo carinho por esse disco, embora hoje o ache um bocado panfletário. Na altura não conhecia o Zeca [Afonso], o Adriano. O disco foi feito com a minha experiência vivencial", recordou.

Depois daquele disco, outros artistas portugueses, também no exílio, cantaram em protesto contra a intervenção militar nas ex-colónias, em Angola, Guiné ou Moçambique, como José Mário Branco, por exemplo, que em 1969 gravou "Ronda do Soldadinho".

Luís Cília nasceu em Angola em 1943, mas viveu sempre em colégios internos e saiu de lá ainda adolescente. Até 1974 foi quase um cidadão sem pátria, com passagem breve por Lisboa e dez anos de residência em Paris.

Hoje, meio século depois do começo do conflito que durou 13 anos e mobilizou um milhão de jovens soldados, Luís Cília lamenta que Portugal seja um país "envergonhado" com o passado.

"Não se aborda muito este tema, discute-se pouco e é pena. Não estou a falar sequer de ajustar contas. É uma questão de memória", defendeu.

Apesar do lamento, Luís Cília diz que tem "saudades do futuro".

"Tenho dificuldades em falar sobre esse passado e a guerra colonial. Para mim foi uma época

22-02-2011

Guerra Colonial: Luís Cília, um dos prim...

de exílio que me enriqueceu muito. Pude formar-me enquanto músico. E apesar de ter estado longe do meu país guardo uma boa recordação de Paris", disse.

SS.

Lusa/fim